

Uma carta aberta ao Ifal sobre o nosso Orgulho

LGBTQIA+ no mês de junho

Os marcos e datas históricas são registros de um acumulado de eventos e fatos recorrentes que culminaram em manifestações sociais as quais tomaram, em algum momento da História, proporção em ruas, cidades, Estados e países inteiros, tendo como objetivo validar uma causa, uma reivindicação específica, rediscutir lacunas sociais, legislações equitativas e/ou pautar temas que estiveram ou estão negligenciados no centro das discussões sociais.

Quando dedicamos o mês de junho como o mês do Orgulho LGBTQIA+, elegemos este período, simbolicamente, para comemorar as conquistas alcançadas por esse grupo, múltiplo em sua natureza e maneiras de ser, e outras ainda vindouras que trarão, e algumas que já trouxeram, justiça social e equidade normativa de um grupo de pessoas que “destoa” da “normalidade sexual” biologicamente aceita: somos as lésbicas, os gays, os bissexuais, as transsexuais, travestis, assexuados, queers, intersexos e qualquer outra que foge à regra da “normalidade biológica”, a heterossexualidade.

Poderia, neste texto, trazer os aspectos conceituais de todos os termos que compõem a expressão LGBTQIA+, mas não é o objetivo dele – prefiro que os leitores procurem, investiguem cada um desses signos. O objetivo aqui é fomentar a compreensão de que o mês do orgulho gay, junho, não se resume a apenas ir às ruas com adereços que nos reportem à sua beleza multicolor;

trata-se, acima de tudo, recordar inúmeros fatos de preconceitos e marginalização que a comunidade sofreu e sofre até aqui.

É recordar o movimento ocorrido nos Estados Unidos contra uma invasão da polícia, que aconteceu nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969, no bar Stonewall Inn, localizado no bairro de Greenwich Village, em Manhattan, em Nova Iorque, fato que gerou uma polêmica mundial sobre os LGBTQIA+. A partir desse momento, os EUA e o mundo começaram a repensar o **conjunto normativo que penalizava, torturava e reprimia as pessoas que se comportavam fora do padrão heteronormativo**; diversos grupos em outros países começaram a organizarem-se em prol da justiça social.

Comemorar, discutir e pautar o mês de junho como o mês do orgulho LGBTQIA+ denota a importância de ampliar as discussões sobre a humanização das relações humanas, transcender as diferenças de tratativas cotidianas pela **natureza sexual** (me nego a aceitar a expressão “opção sexual”) dos indivíduos. É, ainda, reivindicar que o Estado e todas as suas instituições pensem políticas que gerem a transformação da cultura, promovendo o respeito às diversas pessoas, inclusive, à comunidade LGBTQIA+.

O orgulho LGBTQIA+ é um jeito de manifestar à sociedade que não existem motivos para a vergonha em **ser aquilo que se é**. É um enfrentamento à cultura machista e patriarcal que estabelecem uma estrutura piramidal aos seres humanos onde o padrão a ser seguido está no topo: a ideia de heterossexualidade. Neste mês, de modo especial, buscamos conscientizar a sociedade sobre o direito à vida e sua preservação, pois não se pode

mensurar o seu valor em virtude de padrões. A vida de cada ser humano é de preço inestimável.

Como professor e ativista dos direitos LGBTQIA+, convido a comunidade do Ifal a tomar ciência de que o Nordeste, conforme relatório Anual do Grupo Gay da Bahia, no ano de 2019, é responsável por 35,5% das mortes de LGBT+ no Brasil, e que a cada 26 horas um cidadão LGBT+ é vítima de morte violenta. Alagoas ocupa a 4ª posição do Estado que mais mata LGBTQIA+.

Nessa perspectiva de preservação da vida humana, está claro que divergir de um "padrão" aceito pela sociedade, como maneira exclusiva de ser, torna vulnerável essa comunidade e a coloca em risco de violência e de morte. É pensar que algumas existências sofrem ameaças por uma única questão: "não me enquadro ao perfil aceito e que ocupa o topo piramidal".

Convido toda a nossa comunidade Ifal a pensar e repensar nossa instituição como um espaço cada vez mais acolhedor e inclusivo à diversidade humana, a entender-se como parte de uma estrutura do Estado e que estamos sob a égide de um regramento jurídico laico, cujo maior bem a ser preservado em nossa sociedade é a vida humana, qualquer que seja ela.

Aproveito para deixar registrado que já existem iniciativas em prol das causas LGBTQIA+ em nossa instituição, tais como as discussões da Profa. Dra. Elaine Rapôso (*Campus Marechal*), e as da Coordenação das Ciências Sociais, do *Campus Maceió*, que sempre discutem o preconceito e a ideia de gênero em suas ações e debates, além das pautas levantadas nos Cursos de Turismo e Hotelaria (*Campus Maceió*) para abordar essa temática LGBTQIA+. Recentemente, a Prof. Valéria Goia e eu ficamos felizes em termos projeto aprovado e voltado para o Turismo, pelo qual buscaremos capacitar os

profissionais do *trade* turístico para o mercado LGBTQIA+. São ações dentro do campo de ensino, pesquisa e extensão que enriquecem e contribuem para que todos os temas possam ser discutidos na construção de uma sociedade melhor para todos.

Fico imensamente feliz com a receptividade da Direção-Geral, na pessoa do Prof. Dr. Damião Farias, e de todas as demais diretorias (ensino, pesquisa e extensão, administrativa e de apoio acadêmico) do *Campus* Maceió em valorizar ações que estimulam o debate, a construção colaborativa e em pautar a comunidade LGBTQIA+, além de considerarem válida a lembrança do mês de junho como o mês do Orgulho LGBTQIA+.

O Orgulho LGBTQIA+ transcende o preconceito e a ignorância daqueles que nos repugnam como anomalias ou nos demonizam como indivíduos de estar à margem social. Este orgulho nos dignifica e nos fortalece em construir uma sociedade cada vez melhor e igual para todos. Rememorar e celebrar o Orgulho LGBTQIA+ é abraçar uma causa de inclusão, é pautar a vida humana em sua diversidade. Como canta lindamente o cantor e compositor Johnny Hooker **“ninguém vai poder querer nos dizer como amar”**. Apenas respeite-nos!

Forte abraço animador em todos,

Professor Daniel de Jesus Pereira

Curso de Hotelaria e Turismo